



## MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL PARA O SUL DO PARÁ: O CASO DE XINGUARA/PA POR MEIO DAS FONTES PAROQUIAIS (1978 – 2016)

ROBERG JANUÁRIO DOS SANTOS<sup>1\*</sup>  
LUCILVANA FERREIRA BARROS<sup>2\*</sup>

### Introdução

Esta produção textual busca contribuir para a reflexão acerca da migração para a Amazônia oriental por meio do caso da cidade de Xinguara, estado do Pará, Amazônia Oriental. Historicamente a ideia de migração para a Amazônia é remetida para a interpretação das motivações econômicas da atividade gomífera, ou seja, a economia da borracha, ponto pelo qual espaços como Belém, Manaus e a Província/Estado do Acre se tornam centrais, inclusive centralizam as atenções historiográficas sobre a migração, seja inter-regional, nacional ou internacional. Com pretensão inicial, este texto pretende se somar aos poucos estudos sobre a questão migratória sobre espaços amazônicos não contemplados por grande parte da historiografia amazônica e brasileira, como é o caso do Sul do Pará.

A formação de Xinguara ocorreu no contexto em que o Sul e Sudeste paraense passaram por um processo migratório e de expansão econômica considerável entre as décadas de 1960 e 1980, tornando-se focos de atração do país a partir da ação do regime militar na região mediante a expansão da rede rodoviária; fomentando a colonização agrícola; desenvolvendo grandes projetos hidráulicos, como a barragem de Tucuruí; e o estímulo à extração de minérios através do Projeto Carajás e o garimpo de Serra Pelada. Mesmo não sendo emancipada na década de 1970, Xinguara esteve envolta neste contexto acima descrito. Para compreendermos melhor tal questão, Silva (2006, p. 44) evidencia que:

*No sudeste do Pará, há ainda aquelas cidades constituídas na década de 1970, às margens da PA-150, como Redenção, Rio Maria e Xinguara (SILVA, 1999). São cidades formadas sob o impacto das migrações recentes e constituíram-se em corredor migratório para outras regiões do Estado e da Amazônia, especialmente na direção dos garimpos e florestas de Tucumã e São Félix do Xingu. A primeira das cidades citadas assumiu forte dinamismo e passou a polarizar aquela região, substituindo o papel que antes era desempenhado por Conceição do Araguaia.*

<sup>1</sup> Professor do Curso de História, Campus de Xinguara, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Professor Mestre. Este texto é derivado dos resultados até o presente momento do projeto de pesquisa *Xinguara sob o olhar da História: mapeando fontes para o estudo da história local*, com bolsa financiada pelo Programa (PIBIC), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, subprograma PIBIC/CNPq (2016-2017).

<sup>2</sup> Professora do Curso de História, Campus de Xinguara, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Professora Mestre.

Portanto, este estudo pretende contribuir para o conhecimento da história social, econômica, e cultural de uma cidade e região marcadas por projetos econômicos alvos de discursos propagandísticos de desenvolvimento da região amazônica, em especial a Amazônia Oriental, com vistas a integrá-la economicamente ao resto do país e ocupá-la, entre outros discursos. A busca da terra e do emprego, promessas dos governos militares após 1964, atraíram um contingente considerável de migrantes para a Amazônia Oriental, quando pessoas do Goiás, Maranhão Piauí, Pernambuco, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, entre outros, atravessaram os rios Araguaia e Tocantins, gestando uma situação de conflitos por terras e exploração dos recursos naturais na região. Estudaremos o perfil do migrante e a dinâmica populacional desta região por meio do caso da cidade de Xinguara – PA, originada deste processo migratório. As fontes que subsidiarão o estudo são as fontes paroquiais, especialmente registros de casamentos e batismos pesquisados na Paróquia de Xinguara, pois permitem analisar questões fulcrais relativas à história de cidade e Região no período entre 1978 e 2016.

Há que se considerar que os arquivos paroquiais passaram a se constituir em espaços com fontes distintas para os historiadores, pois a partir das constantes renovações no campo da História no século XX, os historiadores passaram a perceber a importância dos registros eclesiásticos para o seu ofício. Derivados deste contexto historiográfico, se faz notar os estudos sobre populações e suas dinâmicas, sobretudo, com vistas à história da família, costumes e cotidiano de grupos migrantes entre as décadas de 1950 e 1970, seguindo as linhas de estudos como psico-história, demografia, sentimentos e economia doméstica, especialmente no contexto francês sob a égide da revista *Annales*, a exemplo das produções de Pierre Goubert que tentou sistematizar, de forma pioneira, a demografia da França do século XVIII, utilizando os registros paroquiais. A aproximação entre História e Demografia culminando com a História Demográfica, com especial atenção à história da família e da população foi possibilitada inicialmente pelas fontes paroquiais (FARIA, In: CARDOSO, VAINFAS, 1997).

As escolas de historiadores francesas, bem como ingleses passaram a se servir de um tipo de fonte produzido pela Igreja Católica, notadamente as fontes paroquiais, traduzidas em registros de batismos, casamentos e óbitos. A Igreja Católica, preocupada com o controle familiar em suas paróquias, por ocasião do Concílio de Trento (1545 a 1563) instituiu a ordem de registros tipificados acima no início da chamada Idade Moderna. Deve-se registrar, de antemão, que os estudos históricos com base em fontes paroquiais no Brasil se concentram com bastante ênfase no período colonial, ocasião em que nessa época não haviam registros civis e

os registros eclesiásticos das freguesias se tornaram importantes fontes, especialmente para uma história social da colônia, como exemplificam os trabalhos do historiador João Fragoso (2014). O que justifica a existência deste texto na temporalidade contemporânea e na realidade xinguarense é um conjunto de fatores, a saber: primeiro, o fator religiosidade católica é um dos sustentáculos da formação da região Sul do Pará, basta lembrar da liderança dominicana na colonização a partir de Conceição do Araguaia e a atuação até hoje da Igreja Católica e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) junto à população da região; registra-se que o último censo demográfico do IBGE, realizado em 2010, aponta que a maioria da população de Xinguará pertence à religião católica.

Além do que, em segundo lugar, 50% dos registros de casamentos utilizados como fontes deste trabalho são assentos de casamentos com efeito civil, ou seja, os dados de parte das fontes religiosas conferem com os registros civis existentes; terceiro, os apontamentos das fontes paroquiais pesquisadas para este estudo se aproximam das projeções feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, se considerarmos as proporções populacionais pesquisadas pelo IBGE e as amostras desta pesquisa. Ainda considerando que este é um estudo também de história local e regional, seguimos a ideia de Barros (2017) quanto a história local como caminho para abordar aspectos da totalidade ou de regiões mais amplas. Nesse sentido, a análise do lugar pretende produzir reflexões sobre um espaço mais amplo, no caso em tela o lugar é Xinguará e a região mais ampla é o Sul do Pará.

Diante de uma considerável quantidade de registros de casamentos na Paróquia de Xinguará<sup>3</sup>, a pesquisa dialoga também com a História Serial<sup>4</sup> por permitir trabalhar melhor com este tipo de fonte, ou seja, os registros de uma mesma ordem com características idênticas. De acordo com Barros (2012, p. 215), este tipo de abordagem histórica:

*Trata-se de considerar os documentos ou as fontes históricas não mais em sua perspectiva singular, como documento único, a ser analisado nos seus próprios limites, mas sim como partes constituintes de uma grande cadeia de fontes de mesmo tipo. A série é necessariamente formada por fontes homogêneas, comparáveis, capazes de serem apreendidas no interior de uma continuidade (seja uma*

<sup>3</sup> Frente ao conjunto de cerca de 3.000 registros de casamentos na Paróquia de São José Carpinteiro, esta pesquisa obteve como amostra um total de 450 registros de casamentos, sendo 225 registros com efeito civil e 225 registros sem efeito civil. Ainda foram consultados assentos de batismos.

<sup>4</sup> Ainda de acordo com Barros, a História Serial é um tipo de abordagem histórica (2011). Para este mesmo historiador, “A História Serial foi de fato um campo que se abriu como nova ‘oportunidade de saber’ a partir de uma estreita parceria com a História Econômica, e que daí se estendeu à História Demográfica e à História Social no sentido restrito, expandindo-se depois (nos terceiros Annales) para os estudos relacionados à História das Mentalidades” (2012).

*continuidade temporalizada ou espacializada), e que permitam uma ‘abordagem de conjunto’ através de aportes metodológicos como a quantificação, a análise tópica, a identificação de recorrências ou mudanças de padrão no decorrer da série.*

A partir deste aporte teórico-metodológico, decidimos constituir uma série em relação aos casamentos encontrados na paróquia, de modo que de cada livro de registro foi extraída certa quantidade de registros, formando assim uma série. Embora tenhamos atenção ao “número”, premissa da História Quantitativa, o diálogo metodológico operado na pesquisa priorizou a conexão entre a dimensão História Demográfica – voltada ao entendimento histórico da dinâmica das populações (variações quantitativas e qualitativas, o crescimento e declínio populacional, os movimentos migratórios e assim por diante – e a abordagem da História serial, esta última possibilitando um estudo mais específico a partir de um tipo de fonte (paroquial) mediante “a serialização de dados, a identificação de elementos ou ocorrências comuns que permitam a identificação de um padrão e, em contrapartida, uma atenção às diferenças, às vezes graduais, para se medir variações (BARROS, 2012, p. 207).

### **As fontes paroquiais e o estudo da migração para Xinguara e Sul do Pará**

A formação das cidades no Sul do Pará, como Xinguara, ocorreram devido a combinações de processos econômicos que estiveram na pauta das ditas potencialidades da região a partir das décadas de 1960 e 1970, pois a extração da madeira, do ouro e a busca/exploração da terra denotam os principais atrativos para o Sul do Pará, região historicamente tida como Araguaia paraense. Estes atrativos criaram as condições de emergência de uma série de cidades, bem como de uma diversidade de conflitos. Conforme Pereira (2014), as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas no Sul do Pará por intensos conflitos de terras, o que inclui Xinguara. Os conflitos agrários na Amazônia brasileira tiveram sua ascensão a partir da década de 1970 do século XX, e ocorreram, entre outros motivos, em razão da expropriação e expulsão dos posseiros por grandes empresas privadas em nome da montagem de grandes fazendas de criação de gado. Esse processo, de acordo com Martins (2004) foi denominado de superposição da *frente pioneira* sobre a *frente de expansão*. A *Frente de expansão* era formada, em grande parte, por camponeses e posseiros, em sua grande maioria compostos por migrantes de longas datas que ocuparam terras devolutas e viviam em suas terras, sem nenhum tipo de documento que os legitimasse como proprietários das mesmas.

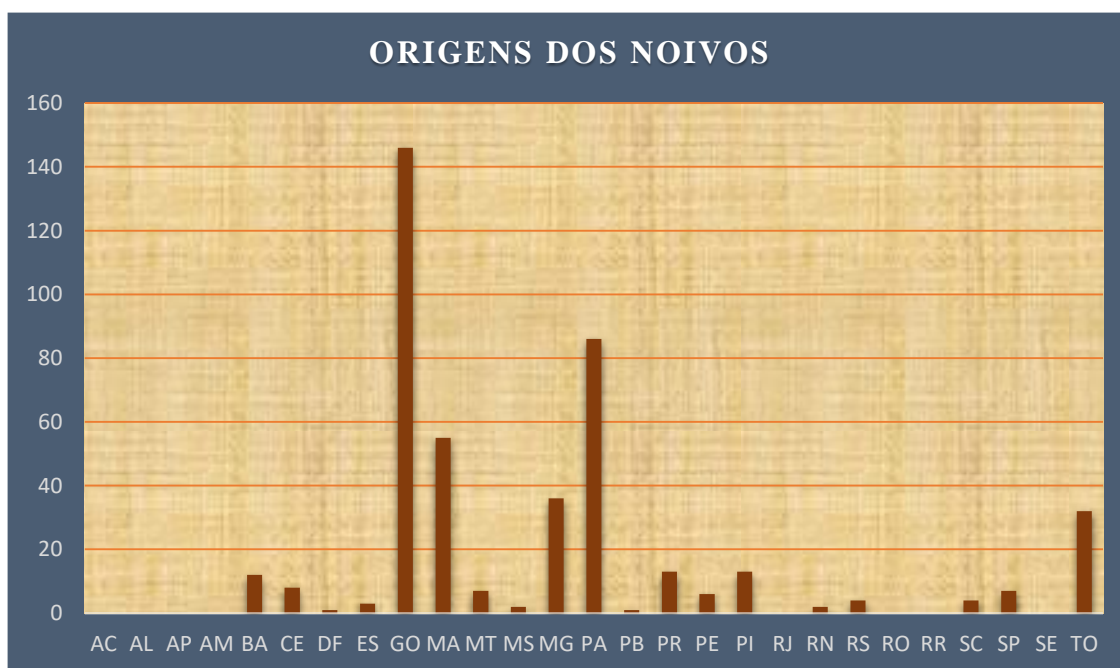
Já no que se refere à *Frente pioneira*, tratou-se de um movimento essencialmente empresarial e capitalista de ocupação do território, representando a marcha das grandes fazendas, o banco, a casa de comércio, a ferrovia, o cartório, o Estado, etc. É bem verdade, que o binarismo das *Frentes* citadas acima precisa ser ponderado diante da dinâmica das movimentações, atividades e ações que fornecem complexidade à análise da atuação das duas *Frentes*.

Xinguara surge deste movimento em meados da década de 1970, quando chegavam os primeiros migrantes, formando um pequeno povoado no qual recebeu o nome de “Entroncamento do Xingu”, em virtude da sua localização na interseção da construção à época das rodovias PA-150 (hoje BR 155) e PA-279. A ocupação do território, onde está localizado o município de Xinguara, ocorreu devido à abertura da rodovia PA-279, com a finalidade de ligar o município de São Félix do Xingu à rodovia PA-150. O marco inicial da estrada foi fixado no entroncamento. Levas de migrantes de diversas regiões em movimento entre Conceição do Araguaia, Marabá e as florestas e garimpos de São Felix do Xingu faziam do Entroncamento um ponto de parada, abastecimento e até morada. Muitos migrantes vieram movidos pelas notícias de terras fáceis e a baixo custo, trabalho, madeira e ouro, dando origem a um povoado em 1976 que em função de seu crescimento recebeu por nome a junção das nomenclaturas dos rios Xingu e Araguaia: Xinguara. Deve-se considerar neste contexto que a construção de estradas mudou o cenário da região, antes a locomoção feita praticamente pelos rios, o que atribuía certo isolamento e distanciamento as localidades. Com as estradas, além da facilidade de chegada de mercadorias, transporte de madeira e outros produtos, Pereira (2015) elenca que a interligação entre o Norte, Centro-Sul e Nordeste permitiu, mediante a política de ocupação dos espaços vazios do Brasil, a mobilização de muitos empresários e migrantes para a Amazônia.

Neste ponto acima citado se faz necessário lembrar que a questão nodal da origem de Xinguara ocorreu mediante a eminente possibilidade de construção da rodovia estadual PA 279, pois considerando que os projetos de colonização da Amazônia Oriental ocorreram, em grande parte, nos cursos da rede rodoviária que foi sendo construída – rodovias Transamazônica, Belém-Brasília, PA 150, PA 279 – o impulso definitivo de estabelecimento no Entroncamento do Xingu foi um projeto de colonização prometido por um candidato a prefeito da cidade de Conceição do Araguaia – cidade a qual pertencia a comunidade que deu origem a Xinguara –, oportunidade em que na condição de engenheiro do Departamento de Estradas e Rodagens do Pará, o candidato engenheiro Ulysses Vieira fez da colonização às bordas da PA 279 sua

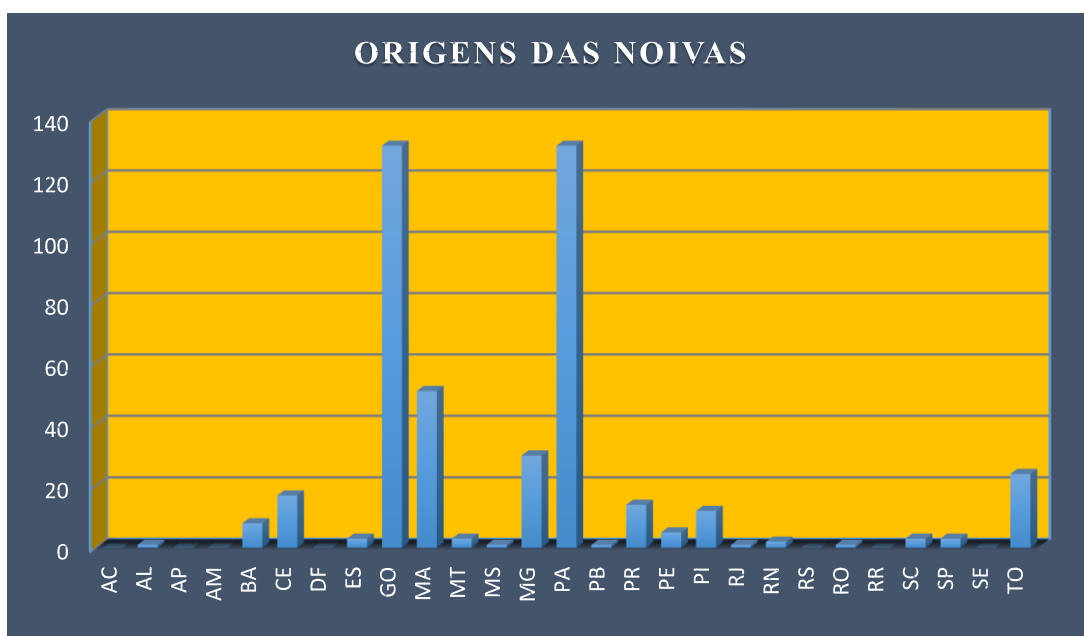
plataforma de campanha, buscando se beneficiar da principal demanda da região à época: a terra. A divulgação do projeto de colonização na interseção das rodovias PA 150 e PA 279, com a distribuição de lotes de terras, atraiu muitos migrantes da região, do estado de Goiás e outras localidades, ocasião em que segundo Shimink e Wood (2012) o resultado foi a geração de uma tumultuada cidade: Xinguara, pois o candidato engenheiro perdeu a campanha e o projeto de colonização fracassou. Todavia, o assentamento continuou e, por linhas tortas, progrediu.

A partir destas condições históricas da constituição da cidade de Xinguara<sup>5</sup>, vários aspectos que atravessam este contexto de formação xinguarense e até do Sul do Pará podem ser analisados por meio das fontes paroquiais. Acerca da naturalidade das pessoas que migraram para Xinguara, perscrutamos os registros de casamentos, de modo a obter o seguinte resultado:



**Gráfico 01:** Origem dos noivos, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

<sup>5</sup> Localiza-se na Mesorregião do Sudeste Paraense, especificamente na Microrregião de Redenção.

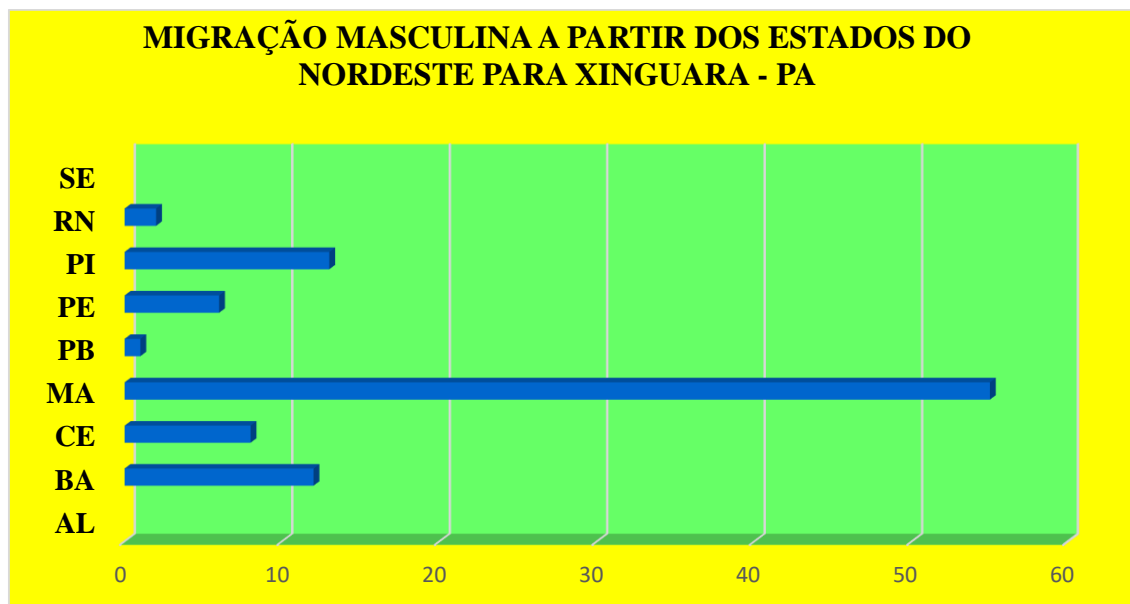


**Gráfico 02:** Origem das noivas, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

Os gráficos 01 e 02 demonstram a questão migratória para Xinguara, o que possibilita aventar sobre o movimento migratório para a Amazônia Oriental, como já foi citado, de modo que primeiro revela a constituição da sociedade xinguarense a partir de pessoas que vieram de vários estados da federação, a exemplo de Goiás, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Tocantins, Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Paraná e Ceará, Paraná, entre outros. Há de se considerar uma perceptível diferença entre os dois gráficos (01 e 02), notadamente a maior quantidade de mulheres naturais do estado do Pará, o que se explica, em parte, pela premissa de uma maior migração masculina para o estado paraense, como veremos adiante neste texto. Além disso, é possível aferir que os estados de Goiás, Maranhão, Minas Gerais e Tocantins (antigo norte goiano) são os Estados com maior contribuição para a constituição da sociedade local quando se quantifica por Estado.

Outro aspecto que pode ser elencado é o fato de a migração pessoas do Nordeste para a Xinguara e região ter sido considerável, uma vez que se percebe pessoas naturais de vários estados do Nordeste brasileiro, como Maranhão, Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí. Há que se considerar que pelos dados do censo demográfico do IBGE de 2010, a região que forneceu maior número de pessoas para Xinguara através da migração foi o Nordeste, visto a contagem global da população. Este dado do IBGE difere da série documental das fontes paroquiais, visto o quantitativo geral da população pesquisada pelo IBGE e a mostra deste trabalho, merecendo

destacar que a diferença estabelecida não é astronômica. No gráfico abaixo é possível perceber a migração masculina nordestina para Xinguara, conforme as fontes paroquiais:



**Gráfico 03:** Migração masculina nordestina para Xinguara - PA, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

Como pode-se perceber, somente dois Estados do Nordeste não fornecem estatística para a migração masculina para Xinguara, a saber: Sergipe e Alagoas. Destaca-se como maior contribuinte para este aspecto migratório o estado do Maranhão, seguido pelos estados do Piauí, Bahia, Ceará e Pernambuco, com uma modesta participação de potiguares e paraibanos.

A migração de pessoas do Nordeste para a Amazônia brasileira, em especial para o Pará, não é novidade dos tempos mais recentes, uma vez que entre 1870 e 1920 registra-se a presença de um grande número de pessoas migrados para o Pará, notadamente localizados na região em torno de Belém, atraídos, sobretudo, pela economia da borracha. Cancela (2011), ao estudar casamentos e famílias na capital paraense no período citado acima, evidencia – em conformidade com pesquisa realizada em fontes paroquiais – que em relação à origem dos nubentes, pessoas vindas do Nordeste constituíam o segundo grande grupo que aparecem nos registros, ficando atrás apenas dos paraenses. Guardadas as distâncias temporais, chama-se a atenção para o fato que diz respeito ao Sul do Pará e Xinguara, possivelmente por questões também de distâncias geográficas, os pessoas advindas do Nordeste que migraram para a Amazônia Oriental são provenientes, em sua maioria, de outros Estados da federação em relação àqueles que migraram para a região de Belém no início do século XX, pois enquanto

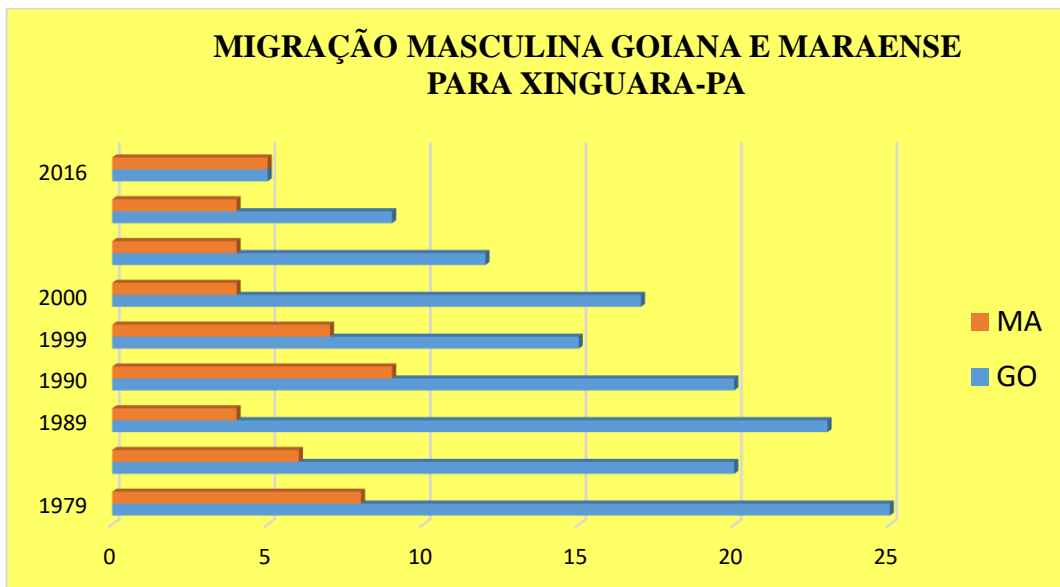
nesta última aconteceu uma prevalência de cearenses e potiguares, observa-se em relação à Xinguara uma maioria de migrantes advindos do Maranhão, Piauí e Bahia.

Além do que, os gráficos também comprovam a perceptível porcentagem de migrantes goianos na cidade. Deve-se considerar que além do fator geográfico que aproxima os estados de Goiás e o Pará, o fator histórico referente à penetração da região Sul do Pará via rio Araguaia é de capital peso para a constituição populacional do Sul e Sudeste paraense. O curso migratório para a Amazônia, antes da implantação da rede rodoviária, ocorreu por meio do que Caio Prado Junior denominou em *Formação Econômica do Brasil* de “estradas líquidas”, estas que na situação em tela tornaram-se, em parte, extensão dos caminhos terrestres goianos. Conforme Durães (2016), levadas de pessoas de outros estados, como Bahia e Pernambuco penetraram na bacia do Araguaia por meio do norte de Goiás no século XIX, com vistas à implantação da pecuária na região, assim abrindo o caminho para os goianos. Ao longo do tempo, a experiência da ocupação branca na Amazônia apresentou muitos desafios e enfrentamentos, a priori, uma região vista mediante lemas euclidianos de interpretação como um espaço de contrastes e confrontes e confundida com um paraíso perdido, sendo objeto de busca de muitos goianos por considerarem familiarizados com a região. Em tempos de migração para o Sul do Pará, em plena segunda metade do século XX, os projetos de colonização agrícola às bordas de rodovias, como a Belém-Brasília – construída entre 1956 e 1960 – atraíram muitos goianos, mineiros e baianos para a região, sendo que a projeção de construção da PA 279, como já citado, foi mais um atrativo para os goianos se localizarem no território que hoje constitui Xinguara. Além do que, conforme Shimink e Wood (2012), da quantidade de pessoas migrantes que se inscreveram junto ao Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins – GETAT no início da década de 1980 para receberem lotes de terras na região de Xinguara, 56% eram migrantes da fronteira advinda do Centro-Oeste, região liderada por migrantes goianos.

A presença de goianos em Xinguara pode ser também percebida através dos assentamentos de batismo, pois de acordo com amostra colhida junto às fontes paroquiais, observa-se que dos pais das crianças batizadas em Xinguara, além dos paraenses, o segundo grande grupo é de goianos, pois os paraenses somam 50% dos pais, enquanto os goianos somam 20% dos pais das crianças, o que se configura em número considerável se observarmos uma amostra colhida entre nas últimas décadas quando observa-se o decréscimo da migração para Xinguara. Em terceiro

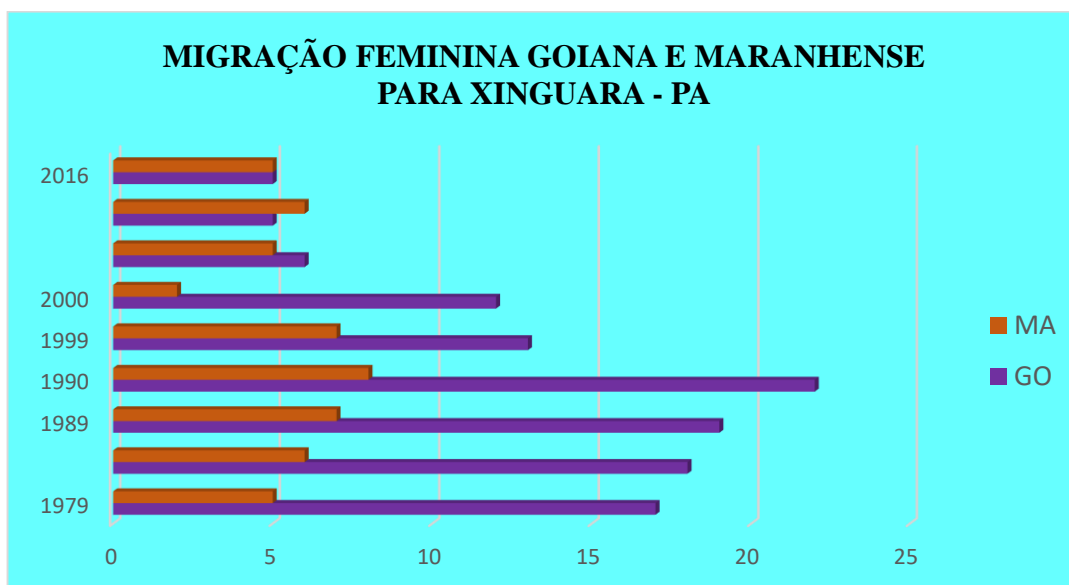
lugar aparecem os pais advindos do Maranhão, com 8% dos registros e os baianos com 6% do total de pais.<sup>6</sup>

Considerando que além dos paraenses, os goianos e maranhenses são grupos destacados na constituição da população xinguarenses, os gráficos abaixo permitem estimar as décadas de maior densidade migratória para Xinguara através dos assentamentos matrimoniais, se considerarmos o tempo de dez anos como um tempo razoável para o estabelecimento dos relacionamentos e, por conseguinte dos casamentos:



**Gráfico 04:** Migração masculina goiana e maranhense para Xinguara, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

<sup>6</sup> Conforme amostra de 100 registros de batismo (1979 – 2010). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

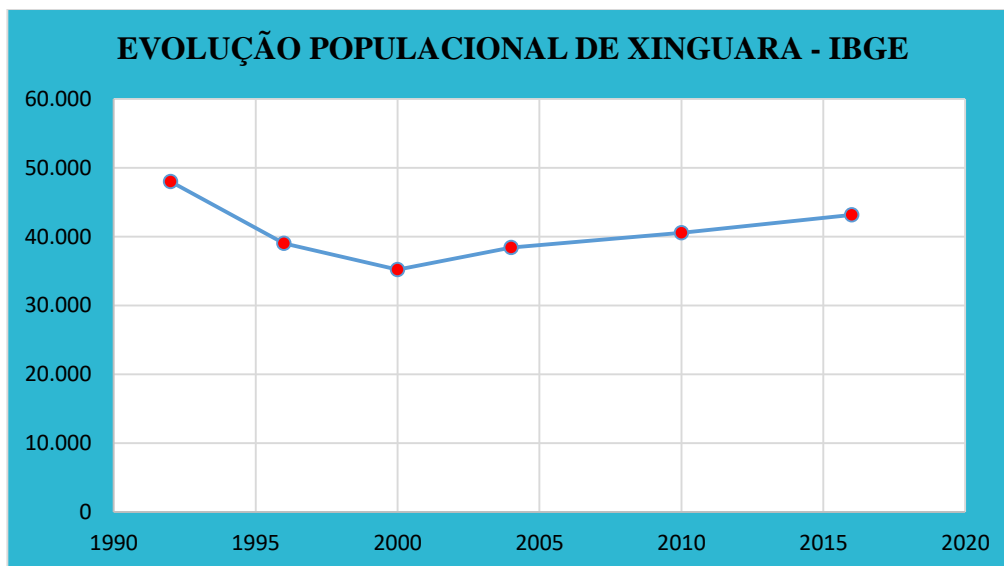


**Gráfico 05:** Migração feminina goiana e maranhense para Xinguara, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

É importante observar no gráfico sobre a migração masculina que o período que registra o maior número de casamentos ocorre entre o final das décadas de 1970 até início da década de 1990. Há de se considerar na migração masculina que os homens, em parte, vieram em primeiro lugar em relação as mulheres e crianças, muito em função da ideia de desbravamento da região, onde estavam envolvidos na abertura de estradas, conquistas de terras, construção de habitações e atividades sazonais. Em comparativo com o gráfico 05, relativo à migração feminina de goianas e maranhenses para Xinguara, se assim considerarmos o número de casamentos em uma década relacionado ao número de migrantes, logicamente dentro da proporcionalidade das fontes pesquisadas em relação ao todo da população, pode-se perceber que gradualmente a migração feminina foi aumentando a partir do início da década de 1980, tendo seu auge na década de 1990.

Além do mais, como pode-se perceber, os eventos matrimoniais envolvendo goianos e maranhenses em Xinguara diminuiu progressivamente após os anos 2000. Os registros de casamentos podem revelar significativamente o movimento populacional de um determinado espaço citadino, daí em comparação com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, é possível se constatar que o auge populacional de Xinguara ocorreu entre o final da década de 1980 e 1993, justamente no momento em que proporcionalmente goianos e maranhenses mais casaram-se em Xinguara, o que avança-se a ideia de que este período foi

um período de acentuada migração destes grupos para a cidade em tela. Conforme o IBGE, observa-se a evolução populacional de Xinguara:



**Gráfico 6:** Evolução populacional de Xinguara – PA. Elaborado pelo autor deste texto, conforme dados do IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>

Em linhas gerais, pode-se estimar que a queda populacional que atinge seu ponto mais baixo no ano 2000 tendencialmente pode encontrar-se ligada à diminuição da migração para a cidade, uma vez que nestes tempos já havia passado a euforia dos projetos de colonização agrícola e conseqüentemente a diminuição de fluxos de pessoas em busca de terras na cidade e região, já o auge da extração da madeira havia se exaurido no início da década de 1980 e os poucos garimpos foram sendo extintos ao longa da década de 1990. A virada do milênio marca também a instalação da indústria frigorífica na cidade e região, o que, a priori, poderia ter alimentado a atração de pessoas, todavia, o emprego nos frigoríficos passou a demandar qualificação e seleção, portanto, uma atividade que inicialmente não era tão fácil de absorção de pessoas do mundo da lavoura ou que se ariscavam em atividades tradicionais ligadas ao corte da madeira ou a garimpagem. O crescimento gradual da população, como observa-se no gráfico, pode relaciona-se aos movimentos sazonais de pessoas na região Sul do Pará, haja vista o agronegócio e a propaganda da “capital do boi gordo”; ao comércio local com conotações regionais; ao aumento da taxa de nupcialidade (entre pessoas do lugar) e por conseguinte da possibilidade de aumento da taxa de fecundidade, ocasião em que paulatinamente entre 2002 e 2015 ocorreu um aumento dos casamentos, por exemplo, no âmbito do registro civil, conforme o IBGE, sendo que no primeiro ano citado ocorreram 161 casamentos, enquanto no ano de 2015 ocorreram 315 casamentos.

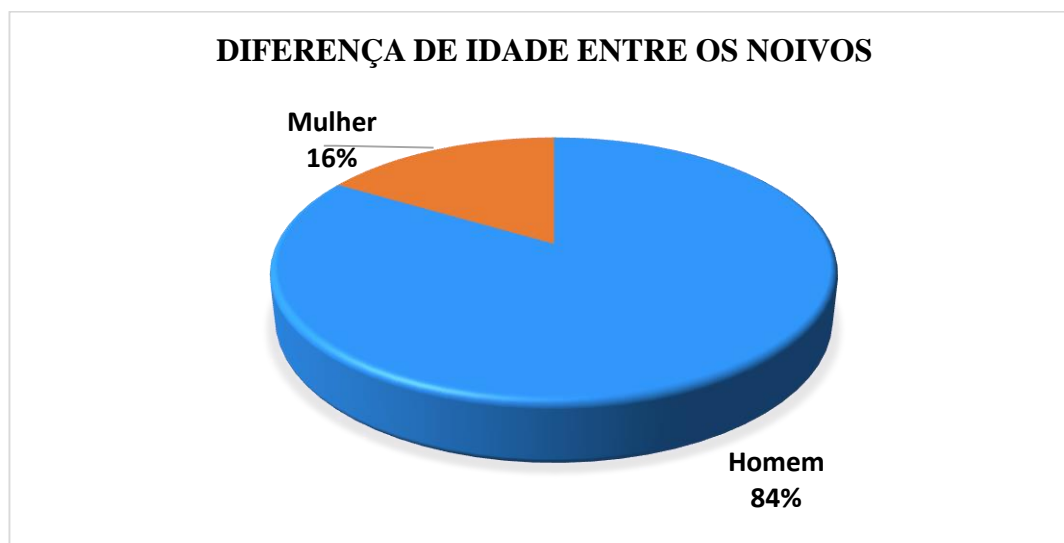
Os gráficos 01 e 02 apresentados neste texto também revelam a presença de migrantes de Estados do Sul do país, sendo o Paraná o estado com maior participação de migrantes para Xinguara, logo em seguida os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cabe destacar neste ponto que se localizava na Amazônia Oriental uma das maiores reservas de mogno do mundo, sendo extraída já na década de 1960. Foi com a construção da rede rodoviária a partir da década de 1970 que as médias e grandes madeireiras do Paraná e Santa Catarina se deslocaram para o Sul do Pará, pois estavam abertos os principais caminhos que davam acesso à região e as reservas de Mogno. Segundo Shimink e Wood (2012), a maioria dos madeireiros que vieram para o Sul do Pará tinham aprendido seu ofício no Paraná, por ocasião do corte da araucária, também chamada de pinheiro do Paraná. Ainda conforme Shimink e Wood (2012), as reservas de mogno de Redenção, Rio Maria e Xinguara mais acessíveis foram esgotadas no ano de 1981. De todo modo, como a maioria das empresas madeireiras eram de administração familiar, com o paulatino fim das grandes reservas de mogno, mesmo assim, várias serrarias ainda continuaram na região e em Xinguara, ponto pelo qual observa-se a presença de pessoas do Sul do país na cidade.

Ainda com relação a contribuição de outras regiões brasileiras na constituição da sociedade xinguarense e do Sul do Pará, elenca-se o Sudeste do país, de onde se destaca a migração de mineiros em maior proporção, com a participação de São Paulo, baixa participação de migrantes do Espírito Santo e praticamente a inexistência de pessoas do estado do Rio de Janeiro, de acordo com as fontes paroquiais. Da própria região Norte, somente o estado do Tocantins (criado em 1988) registra importante migração para Xinguara, observando-se nos assentos de casamentos a inexistência de pessoas dos demais estados, como Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia e Amapá.

Acerca do perfil profissional dos migrantes, é interessante perceber que a maioria dos noivos eram lavradores, ainda aparecendo profissões que se ligam aos processos econômicos implantados na cidade e região: garimpeiros, fazendeiros, agricultores, serradores (de árvores), motoristas e operadores de máquinas. Destacamos que é somente com o crescimento da cidade, registrado a partir de meados da década de 1980 e início da década de 1990 que aparecem outras profissões ligadas ao setor terciário da economia, como bancários, dentistas, comerciante, vendedor, eletricitista, recepcionista, entre outros. O perfil profissional das mulheres, constante na série em análise, aponta para uma maioria de mulheres na condição profissional: “do lar” e/ou doméstica, ambas sugerem que a maioria das mulheres possuíam profissões ligadas ao

âmbito privado, sendo o espaço da casa seu principal lugar de afazeres e vivência. Após 1990 observa-se certa diversificação das profissões femininas, possivelmente em função do crescimento urbano da cidade de Xinguara, daí aparecendo profissões como professora, balconista, estudante, comerciante e função administrativa. Outra situação a se levar em consideração é o destacado percentual de estudantes e professoras que começam a parecer a partir dos anos noventa, o que implica pensar no possível maior grau de instrução das mulheres em relação aos homens. As fontes evidenciam que enquanto entre os homens (noivos) apenas 37% possuem letra cursiva, entre as mulheres 51% possuem letra cursiva ao assinar o registro de casamento.

É possível perceber, através da série constituída, que enquanto a maioria dos homens que se casaram em Xinguara são naturais de outros estados da federação, com destaque para Goiás e estados do Nordeste, a maioria das mulheres que se casaram em Xinguara são naturais do Pará, o que pode revelar um aspecto pertinente ao processo migratório, ou seja, o fato de muitos homens terem deixado suas terras de origem e vindo para o Pará na perspectiva de enriquecerem ou melhorarem de vida e neste processo terem vindo solteiros – alguns destes ainda crianças acompanhando a família – ou deixado suas antigas famílias para trás rumo ao “El Dourado”, por sua vez, constituindo novas famílias na região. É interessante lembrar que em situações em que os noivos eram de localidades diferentes, pela tradição da Igreja, dava-se prioridade para a realização do casamento na localidade da noiva. Segundo Cancela (2011), já transição do século XIX para o século XX o casamento tardio para os homens e precoce para as mulheres foi uma tendência encontrada a partir de diversos estudos da historiografia que estudaram família. Neste ponto, observamos tal situação em relação à Xinguara, pois o gráfico abaixo exemplifica diretamente a questão:



**Gráfico 07:** Diferença de idade entre os nubentes, conforme registros de casamentos (1979 – 2016). Fonte: Paróquia de São José Carpinteiro – Xinguara – PA.

Outro aspecto interessante dos registros de casamentos refere-se ao perfil das escolhas matrimoniais naquilo que permite aventar os interesses em casar com pessoas da mesma origem ou não. Cancela (2011) aponta que para o período entre 1870 e 1920, praticamente em termos de Brasil, o casamento entre pessoas da mesma naturalidade foi uma tendência presente na realidade da época, inclusive dos registros analisados pela pesquisadora, 75% dos homens paraenses à época casaram-se com mulheres paraenses. Em Xinguara, nas três últimas décadas do século XX e início dos anos 2000 esta tendência não foi seguida, conforme a série de registros analisados, pois na maioria dos casos, registra-se o casamento entre pessoas de Estados diferentes da federação, o que implica dizer que Xinguara não seguiu a tendência de casamentos homogâmicos. Este fato revela uma página interessante da migração na Amazônia Oriental, notadamente a forte mescla entre pessoas de localidades diferentes. Entre as décadas de 1980 e 1990, observa-se que os casamentos que ocorriam entre pessoas da mesma naturalidade evidenciam uma maior parcela de goianos casando entre si.

A riqueza da documentação eclesiástica permite vislumbrar importantes aspectos das relações sociais e padrões culturais de uma sociedade. Acerca do mês preferencial de casamento em Xinguara, observa-se que as pessoas, em sua maioria, evitavam casar-se em agosto e, em segundo lugar na rejeição, em março e abril. Em relação ao mês de agosto aventa-se o possível crescimento das superstições e preconceitos populares que envolvem o oitavo mês do ano, visto a ideia que este é o “mês do desgosto”, segundo uma lenda portuguesa. Quanto ao segundo

período, conforme Nadalin (2004) tal procedimento caracteriza o que se tem observado em relação às populações católicas, notadamente uma influência quase sempre permanente do calendário religioso, segundo o qual a Quaresma como período santo a ser evitado, não favorável à celebração do casamento. Os meses com maior registro de casamentos são julho e dezembro de 2017. A priori, os dois meses não estariam neste patamar, pois julho localmente é mês de férias e praia de rio; quanto a dezembro, é o mês do advento e as pessoas procurariam guardá-lo. Todavia, a opção por julho pode indicar a realização de casamentos no mês em que é possível contar com a presença de familiares residentes em outros lugares, dada a grande maioria da população ser originária de outros Estados; Dezembro representa o mês da luz e promete o vindouro ano novo, possíveis explicações para muitos casamentos neste mês.

### **Considerações finais**

Portanto, este texto inicial acerca da história da migração para o Sul do Pará, em especial para a cidade de Xinguara, pode revelar um importante capítulo da migração para a Amazônia oriental brasileira, considerando tendências seguidas e especificidades notadas na série documental analisada. O estudo da migração para Xinguara ilumina aspectos da história da cidade e lança feixes de visibilidade sobre a região Sul do Pará. A partir da década de 1970, migrantes de várias partes do país, com destaque para goianos e maranhenses, se deslocaram para a região e para Xinguara na busca, em grande medida, de terras. A abertura das estradas PA 150 e PA 279 foram os corredores fundamentais de penetração na região e início da colonização. Além da terra, madeira e garimpos foram aspectos de atração que colaboraram na constituição de uma cidade com localização estratégica entre as cidades polos de Conceição do Araguaia e Marabá no Sul e Sudeste do Pará.

### **REFERÊNCIAS**

- BARROS, José D'Assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. **Hist. R., Goiânia**, v. 17, n. 1, p. 203-222, jan./jun. 2012.
- BARROS, José D'Assunção. História Serial, História Quantitativa e História Demográfica: uma breve reflexão crítica. **Revista de C. Humanas**, Vol. 11, Nº 1, p. 163-172, jan./jun. 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço e Geografia: diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, RJ, 2017.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e Família em uma capital Amazônica**. Belém: Ed. Açáí, 2011.

DURÃES, Francisco. **“A pata do boi” e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense/ Jundiáí**, Paco Editorial: 2016.

FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: Lília Moritz Schwarcz (org.), **História da vida privada no Brasil**. Volume 4. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

NADALIN, Sergio Odilon. **História e demografia**: elementos para um diálogo / Sergio Odilon Nadalin. - Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP, 2004.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo / Airton dos Reis Pereira. –Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2013.

PRADO JUNIOR, Caio. Expansão da Colonização (1640-1770). In: **História Econômica do Brasil**. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia**. Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: EDUFPA, 2012.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará**: Marabá ( 1968- 1988). Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

FRAGOSO, João; GUEDES, Roberto. SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá. **Arquivos paroquiais e história social na América Lusa, séculos XVII e XVIII**: métodos e técnicas de pesquisa na reinvenção de um *corpus* documental. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.